

Autonomia e Gestão Democrática na Educação: uma análise inspirada em "Vida de Inseto"

Luciana de Oliveira Netoⁱ

Francelly Aparecida dos Santosⁱⁱ

Resumo

Este artigo analisa a interrelação entre autonomia, cultura, identidade e gestão democrática na educação brasileira, fundamentando-se na obra "Autonomia da Escola: Princípios e Propostas" de Gadotti e Romão (1997) à luz de uma revisão bibliográfica que inclui autores como Freire (1968; 1996); Paro (1997); Silva (1999); Arroyo (2011) e Malanchen (2022). A analogia com "Vida de Inseto" enriqueceu a compreensão, evidenciando desafios na busca pela libertação de padrões opressivos. O problema identificado foi a necessidade de repensar o contexto educacional brasileiro para formar cidadãos críticos e autônomos. Os resultados destacaram a interconexão entre autonomia, identidade e gestão democrática, enfatizando a diversidade no currículo e a importância de uma educação transformadora, formando cidadãos autônomos e críticos para construir uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: autonomia; cultura; identidade; gestão escolar; democracia.

Autonomy and Democratic Management in Education: an analysis inspired by A Bug's Life

Abstract

This article analyzes the interrelation among autonomy, culture, identity, and democratic management in Brazilian education. It is grounded in the work "Autonomy of the School: Principles and Proposals" by Gadotti and Romão (1997), supported by a bibliographic review that includes authors such as Freire (1968; 1996), Paro (1997), Silva (1999), Arroyo (2011), and Malanchen (2022). The analogy with "A Bug's Life" enriches the understanding, revealing challenges in the pursuit of liberation from oppressive patterns. The identified problem was the need to rethink the Brazilian educational context to foster critical and autonomous citizens. The results highlighted the interconnectedness of autonomy, identity, and democratic management, emphasizing diversity in the curriculum and the importance of transformative education, shaping autonomous and critical citizens to build a more just society.

Keywords: autonomy; culture; identity; school management; democracy.

ⁱ Mestre em Educação pela Unimontes. Analista Educacional na Prefeitura de Montes Claros. E-mail: luciana.neto@edu.montesclaros.mg.gov.br – ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5799-0357>.

ⁱⁱ Doutora em Educação pela UNIMEP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimontes. E-mail: francelly.santos@unimontes.br - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0521-1910>.

*Autonomía y Gestión Democrática en la Educación:
un análisis inspirado en Bichos*

Resumen

Este artículo analiza la interrelación entre autonomía, cultura, identidad y gestión democrática en la educación brasileña, fundamentándose en la obra "Autonomia da Escola: Princípios e Propostas" de Gadotti y Romão (1997), a la luz de una revisión bibliográfica que incluye a autores como Freire (1968;1996); Paro (1997); Silva (1999); Arroyo (2011) y Malanchen (2022). La analogía con "Vida de Inseto" enriquece la comprensión, evidenciando desafíos en la búsqueda de la liberación de patrones opresivos. El problema identificado fue la necesidad de repensar el contexto educativo brasileño para formar ciudadanos críticos y autónomos. Los resultados destacan la interconexión entre autonomía, identidad y gestión democrática, enfatizando la diversidad en el currículo y la importancia de una educación transformadora, formando ciudadanos autónomos y críticos para construir una sociedad más justa.

Palabras clave: autonomía; cultura; identidad; gestión escolar; democracia.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe compreender a Autonomia como prática político-pedagógica, pautada na dinâmica entre cultura, identidade, currículo e gestão, cujas reflexões se desdobram a partir da análise da obra "Autonomia Escolar: Princípios e Propostas" de Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão. Nesse livro, os autores desenvolvem uma argumentação sobre a gestão democrática sob a ótica de uma escola cidadã.

Ao contextualizar a autonomia como um alicerce vital na educação, torna-se importante salientar o dinamismo cultural e a diversidade identitária presentes nos ambientes escolares. A interação entre a autonomia e esses elementos não só influencia a estruturação do currículo, mas também permeia a gestão escolar, gerando um ambiente propício a uma educação participativa. Essa perspectiva ressoa não apenas na formação individual, mas também na própria estruturação da sociedade, como preconiza a Constituição Federal Brasileira, promulgada em 5 de outubro de 1988:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus... (Brasil, 1988, p. 1).

Neste sentido, os valores mencionados na Carta Magna evidenciam o vínculo intrínseco entre a autonomia pedagógica e a consolidação de uma sociedade democrática. Entretanto, é essencial explorar os desafios práticos que surgem na implementação da autonomia como um ponto central na gestão e no desenvolvimento curricular.

A transição de uma teoria emancipatória para a prática diária exige um engajamento constante de todos os envolvidos no ambiente escolar. Esse engajamento colaborativo não apenas valida o conceito teórico de autonomia, mas também desenvolve uma vivência concreta desse princípio nos corredores das escolas, influenciando diretamente a dinâmica educacional como um todo.

Apresentamos uma revisão de literatura que estabelece conexões com autores que defendem uma educação emancipatória para a construção de uma sociedade fundada nos princípios democráticos em um estado de direito. A narrativa será ilustrada por meio da obra cinematográfica da Disney, “Vida de Inseto (1998)”.

A escolha do filme "Vida de Inseto" como uma analogia para os conceitos explorados neste estudo ajuda a contextualizar e ilustrar os pontos abordados. Porquanto, as dinâmicas entre os personagens, suas interações e desafios no filme espelham de maneira emblemática os desafios e oportunidades que permeiam os ambientes escolares. Assim, é possível conectar os valores expressos no filme e os princípios fundamentais de uma educação emancipatória.

Este artigo se estrutura em duas partes: a primeira concentra-se numa análise abrangente do conceito de autonomia e sua interligação com a cultura e identidade; na segunda destaca-se a materialização dessa autonomia na esfera da gestão escolar e no desenho do currículo escolar.

Portanto, busca-se não apenas compreender, mas também evidenciar o papel essencial da educação escolar em uma perspectiva emancipatória. Esse ideal de educação vai além do mero processo de ensino-aprendizagem, visando formar indivíduos críticos, autônomos e capazes de participar na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

2 DINÂMICAS DE PODER, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

O filme "Vida de Inseto" da Disney é uma adaptação da clássica fábula da cigarra e da formiga, inserindo os gafanhotos como antagonistas. A história se desenrola em decorrência de uma aliança estabelecida por Hopper, líder dos gafanhotos, com a colônia de formigas. Essa aliança estabelecida gera um cenário de conflito, resistência e busca por liberação por parte das formigas, representando as consequências e os desafios de uma relação desigual e opressora.

De maneira análoga, esse enredo pode ser relacionado ao percurso histórico da sociedade brasileira. Neste cenário, podemos extrair *insights* que traduzem a intersecção entre cultura, história e identidade. Conforme Paro (2010) e Malanchen (2022), a cultura é uma manifestação das experiências passadas, refletindo a herança coletiva de uma sociedade. Nesse sentido, o encontro entre diferentes povos, além de comunicar ideias, incorpora nuances históricas, revela mudanças, migrações e contatos culturais que perduram ao longo dos tempos.

Para Gadotti e Romão (1997, p. 23), a configuração da exploração na sociedade brasileira foi culturalmente enraizada, em decorrência da colonização portuguesa. Para eles, os colonizadores estabeleceram uma estrutura de poder centralizada e hierárquica, baseada no domínio e na exploração dos recursos naturais e humanos. Essa configuração de poder foi mantida e adaptada ao longo dos anos, mantendo-se presente na configuração social do país.

Segundo esses autores, herdamos uma cultura personalista, ou seja, o sistema de governo implantado privilegia um líder central, que ao longo dos tempos transferiu-se do monarca para o ocupante do poder executivo. Assim como o traço patrimonialista, ou seja, a ideia de favores, obrigações e uma lógica de dádiva em vez de um serviço público. Nesse sentido, o que perdura é: o dono do poder é também dono do lugar e das pessoas que cuidam do lugar.

Outra herança colonial é o empreendimento mercantil que está intimamente relacionado ao poder do capital, uma força que usufrui do poder estatal para exercer controle sobre as pessoas. Na animação "Vida de Inseto", essa dinâmica se manifesta na representação da rainha das formigas como a estrutura de poder centralizada, enquanto Hopper simboliza a relação mercantil, pois exige recursos em troca de proteção.

Consequentemente, reflete relações desiguais de troca e domínio culturalmente estabelecidas.

Tanto no período escravista colonial quanto no estado contemporâneo, os direitos burgueses são defendidos dentro de uma estrutura análoga à sociedade dos insetos. Assim como Hopper subjuga as formigas por meio da coerção, na história do Brasil, o capital exerceu domínio sobre os recursos e o trabalho, criando uma dinâmica de submissão. Dessa forma, ressalta a existência de um "grupo hegemônico" que impõe sua vontade por meio de coerção e molda as mentalidades e as visões de mundo, consolidando uma posição dominante sobre os demais.

O termo "hegemonia" tem raízes na teoria marxista e foi desenvolvido posteriormente por pensadores como Antonio Gramsci. Esse conceito evidencia o controle ideológico e cultural como um aspecto integral do poder em uma sociedade. Desse modo, estabelecem uma assimetria de poder, em que certos grupos desfrutam de privilégios em detrimento da autonomia e liberdade dos demais.

Entretanto, para Sartre (1945), os seres humanos estão condenados à liberdade desde o nascimento. Em outras palavras, a vida é feita de escolhas: mesmo sem querer escolher, estamos praticando a liberdade. Nesse sentido, calar e parar também contemplam a essência livre do ser humano. Essa filosofia ressalta que a liberdade, inerente à condição humana, oferece uma via para a emancipação.

É instigante como os personagens Hopper e Flik têm interiorizado essa percepção e disputam pela consciência das formigas. Toda a ação do filme centra-se nos discursos de motivação do protagonista e na pressão do antagonista. Desenvolvendo processos educativos distintos: manter a organização da Colônia ou emancipá-la.

Essa batalha é vivenciada historicamente pela humanidade, a luta pela democracia e cidadania que sempre esteve associada à expansão da esfera pública e à garantia de direitos sociais. Em contrapartida, a existência de um pensamento neoliberal focado no aparelhamento do Estado aos interesses econômicos, propagado culturalmente desde a colonização, encontra paralelo na defesa dos gafanhotos, que sustentam sua dominação pela imposição de uma ordem hierárquica, na qual a liberdade é reduzida à obediência e ao trabalho compulsório, negando às formigas o exercício pleno da cidadania.

Assim, ao analisar as conexões entre as dinâmicas de poder, resistência e identidade na sociedade brasileira, evidenciamos a persistência de estruturas desiguais e

a necessidade premente de enfrentar esses desafios. Sendo, portanto, imperativo estabelecer um percurso educativo que vislumbre uma sociedade mais justa, equitativa e verdadeiramente autônoma.

2.2 Democracia, Neoliberalismo e Cidadania

A ideologia do neoliberalismo foi fortemente difundida por meio de instituições financeiras internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, que passaram a influenciar as políticas econômicas de diversos países. A partir dos anos 80 e 90, muitas nações adotaram medidas alinhadas ao neoliberalismo, buscando abrir suas economias para o mercado global. Para tal objetivo: reduzir a presença estatal na economia e promover a privatização de empresas públicas.

Consequentemente, gerou debates acalorados sobre o impacto do neoliberalismo na sociedade. Gadotti e Romão (1997, p.27), entre outros críticos, argumentam que essa perspectiva resulta na fragilização da esfera pública. Como consequência, reflete na precarização dos direitos sociais, como saúde, educação e previdência, contribuindo para o aumento das desigualdades sociais, visto que as políticas neoliberais tendem a beneficiar as camadas mais privilegiadas em detrimento dos mais vulneráveis.

Portanto, segundo defendem os autores, destacam a presença de dois projetos estruturais no país: enquanto um vincula a subordinação ao grande capital internacional,

cuja a economia e as políticas estão fortemente alinhadas aos interesses globais do capital, o outro propõe uma relação soberana, buscando um modelo de desenvolvimento auto sustentável, mais centrado na soberania nacional.

Nesse contexto, os parâmetros de cidadania são questionáveis. Na concepção liberal e neoliberal a cidadania é vista como um produto da solidariedade individual entre indivíduos, não sendo necessariamente uma conquista construída pelo Estado. Por outro lado, a visão socialista democrática defende uma atuação mais incisiva do Estado na regulação e proteção dos direitos dos cidadãos para evitar abusos econômicos, por parte de grandes monopólios ou oligopólios, assegurando o cumprimento das regras estabelecidas pela sociedade.

Essas diferentes concepções refletem não apenas entendimentos diversos sobre o papel do Estado na promoção da cidadania e na implementação de políticas sociais, mas

também enfatizam a necessidade de se repensar e debater a verdadeira essência da democracia e da cidadania em uma sociedade.

Para Gadotti e Romão (1997 p. 40), a cidadania é a consciência dos direitos e deveres de um cidadão em uma comunidade. Enquanto a democracia é a base sobre a qual a cidadania se sustenta. Ela se desdobra em três pilares essenciais de direitos: os direitos civis, sociais e políticos.

Para esses autores, os direitos civis referem-se à segurança e à liberdade individual, incluindo questões como proteção legal, segurança pessoal, liberdade de locomoção e propriedade privada. Os direitos sociais abarcam aspectos fundamentais para uma vida digna, como o direito ao trabalho, a salários justos, acesso à saúde e à educação. Eles garantem que cada indivíduo deve ter condições básicas para viver com qualidade e dignidade. E os direitos políticos são a base da participação ativa na vida política e social, incluindo a liberdade de expressão, o direito de voto, a participação em partidos políticos, sindicatos e outras organizações que representam os interesses coletivos.

Esses três pilares são essenciais para a construção de uma sociedade democrática, na qual todos têm voz e participação ativa. Eles formam a base para a prática da cidadania efetiva, garantindo não apenas a liberdade individual, mas também as condições necessárias para uma vida plena e o engajamento ativo na tomada de decisões que afetam a comunidade como um todo.

Para Gadotti e Romão (1997, p.45), cidadania e autonomia são hoje duas categorias estratégicas de construção de uma sociedade melhor. Embora o Brasil apresente indicadores preocupantes que revelam lacunas e desafios significativos em termos de equidade social, acesso a oportunidades e condições dignas de vida. A Constituição Federal está longe de ser apenas um documento escrito, pois ela consolida princípios fundamentais: como a proteção dos direitos humanos, a garantia da liberdade de expressão, a valorização da democracia e a promoção da igualdade social. Consagra princípios e valores que regem a convivência e a organização da sociedade, ou seja, um guia para inspirar ações coletivas na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

2.3 Educação, Autonomia e Resistência

Malanchen (2022) adverte que cidadania e democracia são palavras recorrentes utilizadas em todos os documentos nacionais e internacionais para a educação. Porém, o que observamos sendo disseminado por meio do discurso da democratização da educação é uma democracia esvaziada de conteúdo social, despolitizada, que garante somente os direitos individuais do voto, uma cidadania passiva e que não ameaça os interesses da classe hegemônica.

Ela traz à tona uma reflexão crítica sobre o papel da educação dentro do projeto de sociedade idealizado pelos defensores do capitalismo. Em suas palavras, a educação é percebida como uma poderosa ferramenta de manipulação, destinada a inculcar valores específicos, uniformizar discursos e conduzir os indivíduos a aceitarem, de maneira natural, a reestruturação do capitalismo globalizado, juntamente com suas profundas disparidades econômicas, sociais, culturais e outras.

Nesse sentido, ela evidencia a inserção de competências e habilidades no currículo, por meio da política pública brasileira, na década de 90, entre elas, a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei 9394/96, e a introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Enquanto a lei, em questão, estabeleceu princípios e bases para a educação, os PCNs forneceram diretrizes mais detalhadas sobre o que ensinar e como ensinar.

Para Malanchen (2022), essas políticas foram realizadas na perspectiva de atender às demandas do capitalismo globalizado. Nesse sentido formar indivíduos aptos a integrar-se ao sistema econômico dominante. Essas colocações de Malanchen (2022) podem ser observadas na análise da trama de “Vida de Inseto”. Nos discursos de Hopper, ele proclama que as formigas são pequenas e frágeis, destinadas a uma vida de servidão e trabalho árduo.

2.4 Identidade, Transformação e Autonomia na Gestão Escolar

A visão reducionista de Hopper sobre as formigas na animação é uma representação clara da narrativa imposta aos trabalhadores pelo Sistema Capitalista, sugerindo que o propósito é apenas contribuir para o benefício do país, sem questionar ou

aspirar a mais do que lhes é ditado. Entretanto, por outro lado, Flik proclama que as formigas são fortes, pois produzem alimentos para elas e também para os gafanhotos. E são corajosas, pois cuidam umas das outras e delas mesmo. Em suas palavras, Flik evidencia que a educação pode ser manipuladora, sendo utilizada para impor ideologias.

Ao desafiar essa noção e encorajar seus companheiros a questionarem as normas estabelecidas, Flik representa a ideia de que a educação pode ser uma ferramenta de resistência e mudança, capaz de capacitar os indivíduos a contestarem as estruturas opressivas e a buscarem um caminho rumo a uma sociedade mais justa e equitativa. Nesse sentido, alinha-se ao pensamento de Freire (1968) e ressalta que a educação tem como objetivo libertar o aluno.

Quando o protagonista, Flik, sai da colônia em busca de apoio contra a exploração dos gafanhotos, direciona a reflexão pela autonomia, defendida por Freire (1996), essa ação é equiparável ao processo de conscientização, em que o indivíduo se torna agente ativo na transformação de sua própria realidade.

É importante ressaltar que o protagonista manteve respeito aos princípios da colônia, mesmo pensando diferente. Ele não se rebelou em nenhum momento contra as autoridades estabelecidas pelas formigas, mas foi sempre fiel ao seu jeito criativo e à vontade de ser livre. Todavia, entendeu-se parte do mundo em que vivia, ou seja, sua luta era pela autonomia da colônia.

Essa é uma analogia ao ser humano que além de razão e emoção é um ser social. De acordo com Gadotti e Romão (1997, p.27) afirmam que na trajetória da humanidade, o homem primitivo, enfrentando ameaças que poderiam extinguir sua espécie, transcende o "individualismo zoológico". Sendo assim, Freire argumenta que é importante estender a autonomia à esfera coletiva.

Essa superação gradual reflete a necessidade intrínseca da autonomia na superação de barreiras socioeconômicas e construção de uma sociedade mais igualitária. Para Gadotti e Romão (1997 p.35), a escola precisa preparar o indivíduo tanto para a autonomia pessoal quanto para a emancipação social. Tal como a colônia de formigas, as camadas populares brasileiras revelam um anseio comum por autonomia, pois as formigas enfrentam limitações para decidir sobre o fruto de seu trabalho, enquanto os estratos menos favorecidos do Brasil encaram desafios análogos ao tentar influenciar decisões que

afetam suas vidas, em meio à exploração econômica e social imposta por uma elite dominante.

Portanto, conforme enfatizado por Freire (1996), a autonomia coletiva é um componente essencial na concretização da democracia, pois se materializa na reflexão crítica e na prática transformadora dos indivíduos e da coletividade na busca por um ambiente mais igualitário.

Nesse sentido, o livro "Autonomia Escolar: Princípios e Propostas" de Moacir Gadotti e José Romão mergulha na essência da gestão democrática na perspectiva da Escola Cidadã. A concepção é apresentada como um esforço coletivo e articulado, permeado por instrumentos que viabilizam um projeto político-pedagógico com a finalidade de estruturar essa visão educacional.

É importante ressaltar que a dinâmica entre os diferentes grupos culturais na animação, personificados por formigas, gafanhotos e insetos do circo, espelha as dinâmicas do multiculturalismo, discutida por Malanchen (2022). Ela destaca que esse convívio muitas vezes evidencia conflitos e opressões, como a relação entre Hopper e seu bando com a colônia de formiga, ou abre espaço para a possibilidade de colaboração e entendimento mútuo, como a relação entre Flik e os insetos do circo.

Alinhado a esse pensamento, Silva (1999) ressalta que as divergências culturais não apenas moldam as identidades individuais, mas também influenciam na construção dos conhecimentos dos alunos. As diferentes perspectivas e valores culturais presentes na educação impactam diretamente a formação dos estudantes, ampliando sua compreensão do mundo e enriquecendo suas experiências educativas.

A transformação das formigas ao longo da trama de "Vida de Inseto" é um reflexo vívido da teoria de Silva (1999) sobre a construção da identidade através das interações sociais. A animação revela uma sutileza simbólica marcante, especialmente notada na relação simbólica entre os elementos: folhas e pássaros.

A presença constante das folhas, associada às formigas, inicialmente as retrata como seres influenciados pelo ambiente, guiadas pelas circunstâncias da colônia. Por outro lado, Hopper, o antagonista, demonstra pânico diante do trinar do pássaro. A fragilidade desse personagem é interessante para simbolizar o receio que Hopper sente em relação à possibilidade das formigas se tornarem livres. Esses símbolos carregam um significado profundo, revelando a dinâmica entre o indivíduo e seu contexto.

No decorrer da história, as formigas passam por uma evolução notável. Inicialmente medrosas, elas vão gradualmente adquirindo coragem, rompendo com a submissão ao discurso opressor de Hopper e abraçando a ideia de liberdade, personificada por Flik. Paralelamente, os símbolos também se transformam. As folhas, antes associadas ao tempo de ação, se tornam a base para o voo das formigas no desfecho, simbolizando uma mudança de perspectiva e potencial.

O pássaro, originalmente um símbolo de perigo e ameaça aos gafanhotos, torna-se um ícone de liberdade e esperança para as formigas. As circunstâncias, antes favoráveis aos gafanhotos, vão se alterando, tornando-os impotentes diante das mudanças provocadas pelas formigas.

Essa transformação não é apenas uma evolução das personagens, mas uma metamorfose dos símbolos que as cercam. As mudanças nas percepções e nos símbolos refletem a alteração dos sentimentos e das dinâmicas de poder, destacando o poder da resistência, da coragem e da transformação em face das adversidades.

Portanto, a identidade, como afirma Silva (1999), é algo construído e negociado em interações sociais, permeado por discursos, práticas e representações que influenciam como nos percebemos e como somos percebidos pelos outros.

Sendo assim, a autonomia na gestão escolar não é apenas uma opção, mas uma essência intrínseca ao próprio ato pedagógico. Ela se enraíza no cerne do projeto pedagógico da escola, sendo uma exigência natural para o desenvolvimento pleno e eficaz da educação. No entanto, alcançar essa autonomia requer uma mudança profunda de mentalidade por parte de todos os membros da comunidade escolar.

Essa transformação implica deixar para trás a concepção ultrapassada de que a escola pública é simplesmente um órgão burocrático do Estado, dissociado da comunidade e distante das demandas reais dos estudantes e de suas famílias. Ao contrário, a escola é um patrimônio conquistado pela comunidade, um espaço vivo e ativo onde a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos se entrelaçam com as necessidades e aspirações da própria comunidade.

A autonomia, como discutida, não é apenas um conceito abstrato, mas um pilar fundamental para a construção de uma educação significativa e transformadora. Ela se torna tangível quando integrada à gestão escolar, guiando as práticas pedagógicas e a estruturação do currículo.

Dessa forma, a próxima etapa de estudo deve direcionar o foco para a efetiva materialização dessa autonomia na gestão escolar e no desenho curricular. Isso implica uma análise mais aprofundada na estruturação da organização escolar para promover uma educação democrática.

3 EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA DIVERSIDADE, CURRÍCULO E GESTÃO DEMOCRÁTICA

Retornando à trama de “Vida de Inseto”, uma cena emblemática apresenta uma analogia ao papel da escola em uma sociedade classista sob regimes escravocratas e servis. As formiguinhas, com auxílio do professor, encenam um teatro. Os artistas de circo, tidos como heróis nesse momento, são simbolicamente derrotados pelos gafanhotos, destacando a influência do discurso opressor de Hopper sobre a mentalidade das formigas.

Essa cena teatral evidencia as dificuldades na quebra do domínio imposto, ressaltando a força do discurso opressor, ilustrando os desafios enfrentados na implementação da gestão democrática na escola. A escola deve ser um espaço de formação cidadã, onde o exercício da autonomia não só promove a gestão participativa, mas também desenvolve valores democráticos e a consciência crítica dos envolvidos.

Nesse sentido, Arroyo (2011), na obra "Currículo: Território em Disputa", levanta uma indagação central sobre quem tem voz legítima nos currículos. Embora seus apontamentos permeiem a formação de professores e a construção dos currículos escolares, suas reflexões nesse estudo serão redirecionadas aos profissionais de educação e estendem-se ao contexto escolar. Coerente com a concepção de Freire (1968) de que todos educam, esse contexto ressoa.

É válido ressaltar que a batalha pela liberdade da colônia não se limitou apenas a discursos de um protagonista, mas foi impulsionada pelo engajamento de todos os membros. Nessa cena, a rainha não estava nem à frente, nem acima das outras formigas, mas lado a lado com elas. Observamos na construção do pássaro, símbolo de liberdade, a família real engajada na construção junto com as operárias. É uma cena bonita e importante que vai além de mostrar a união e resistência coletiva, mas também o modelo inovador de gestão.

A educação, como preconiza a LDBEN e a Constituição Federal, abrange os processos formativos nas relações humanas. Na escola, essa formação é organizada pelo currículo. Assim, a indagação de Arroyo (2011) sobre quem detém a voz legítima nos currículos é fundamental para compreender não apenas a dinâmica dos saberes, mas também as tensões, conflitos e a riqueza das identidades no espaço escolar.

Quando o sistema educacional impõe restrições mais rígidas, é um sinal de que a atuação pedagógica desafia estruturas estabelecidas. Nesse embate, as instituições escolares se tornam epicentro das tensões, mas também protagonistas na construção de um novo currículo. Esse currículo não se limita às diretrizes externas, mas reflete os valores, princípios e a visão pedagógica da organização escolar.

A política curricular está cada vez mais permeada por disputas entre preservar normas ou adotar orientações mais políticas, incorporando novos conhecimentos e flexibilizando estruturas. Movimentos sociais, pesquisadores e o movimento docente desempenham um papel crucial nesse processo, buscando abrir os currículos para a diversidade de experiências e conhecimentos.

Leis e decretos emergem como fruto dessas lutas. A própria LDBEN, conforme Malanchen (2022) citando Saviani (2008), é resultado da luta histórica entre as forças conservadoras e progressistas.

Assim, a Obra "Autonomia da Escola: Princípios e Propostas" preconiza estratégias e práticas para implementar a gestão democrática, destacando a importância da horizontalidade nas relações, da transparência nas decisões, do respeito à diversidade e da promoção do diálogo como pilares fundamentais para a consolidação da autonomia escolar.

Gadotti e Romão (1997 p. 38) ressaltam que a "educação para que seja para todos supõe que todos lutem pela educação". Essa premissa alinha-se perfeitamente com os princípios da gestão democrática, os quais preconizam a descentralização do poder, a participação coletiva nas decisões e a construção conjunta de um ambiente escolar. Contudo, conforme enfatizam os autores, essa organização demanda um esforço contínuo, solidário e paciente. Essas ações, construídas gradualmente, são cruciais para promover transformações substanciais no cenário educacional.

Reconhecendo que cada escola possui suas particularidades, os espaços de gestão escolar têm a responsabilidade de abraçar essa diversidade de caminhos para

aprimorar a educação. Incentivar a experimentação e a inovação são atitudes essenciais não apenas para buscar melhorias na educação, mas também para garantir que as soluções encontradas sejam significativas para a comunidade escolar.

Para tal, é importante ressaltar três considerações, conforme Paro (2022): primeiramente, ele enfatiza a necessidade de adotar uma ética universalista e científica na educação, algo intrinsecamente alinhado com a proposta da gestão democrática. Essa ética serve como base para relações horizontais, promovendo o respeito à diversidade na comunidade escolar.

A segunda lição reforça a ideia de que o educando só aprende se quiser, alinhando-se perfeitamente com a gestão democrática. Isso implica proporcionar autonomia aos estudantes, envolvendo-os ativamente no processo educativo e na gestão da própria aprendizagem.

E a terceira, que questiona os padrões impostos na educação, se conecta diretamente à busca pela autonomia na escola. A gestão democrática deve estar alinhada a uma postura crítica em relação aos valores e concepções pré-estabelecidas.

No contexto de "Vida de Inseto", as lideranças de Flik, Hopper e a Rainha representam distintas formas de exercer poder e influência sobre os demais. Flik emerge como um líder que, por meio de sua coragem e determinação, desafia o status quo e inspira as formigas a reivindicarem sua autonomia. Sua liderança é pautada na emancipação, encorajando os outros insetos a questionarem a opressão imposta pelos gafanhotos.

A relação entre essas lideranças pode ser transposta para o cenário educacional, onde o educador pode assumir diferentes papéis. Assim como Flik, um emancipador busca estimular os estudantes a questionarem, refletirem e transformarem sua realidade. Enquanto Hopper representa a imposição autoritária do conhecimento, a liderança opressora que desencoraja a autonomia dos educandos. E, finalmente, a Rainha simboliza a tradição, que dificulta a inovação e o avanço educacional.

Neste contexto, a gestão na educação, conforme Paro (2022), assume um papel basilar. Ela organiza a utilização racional dos recursos disponíveis, considerando tanto os aspectos materiais e financeiros quanto os esforços humanos e intelectuais. Racionaliza todo o processo educacional e promove um ambiente propício ao aprendizado, à criatividade e à autonomia.

O professor também administra seu espaço e essa competência reflete no resultado do seu trabalho. Numa perspectiva de gestão democrática, a figura do supervisor pedagógico desloca-se de uma posição centralizadora para atuar como agente mediador entre diferentes atores educacionais, promovendo um ambiente de aprendizado mais horizontal e contextualizado.

A visão de que na escola existem dois quadros de servidores: magistério e administrativo, decorre de um olhar reducionista, segundo Paro (2007). É uma ótica liberal que atribui à escola uma identidade de empresa. Embora todos tenham funções, elas estão entrelaçadas em torno de um processo de formação. Portanto, o conhecimento não é produto, o aluno não é cliente e o professor não é um operário.

Na concepção de Gadotti e Romão (1997) e Paro (2022), a escola não é apenas um espaço de ensino formal, mas um ambiente de aprendizado contínuo, onde cada indivíduo desempenha um papel ativo no processo educacional. Todos na escola exercem um papel educativo, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

Portanto, a educação vai além da sala de aula e do currículo estabelecido. Ela é uma construção coletiva, um esforço conjunto de todos os membros da comunidade escolar para proporcionar um ambiente educacional enriquecedor, inclusivo e transformador. A atuação do professor vai muito além do ensino formal, incluindo a administração dos processos educativos, enquanto a gestão na educação abrange não apenas a parte burocrática, mas também a promoção de um ambiente propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. Essa visão ampliada da educação e da gestão educacional é essencial para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, democrática e voltada para o desenvolvimento pleno de cada indivíduo.

4 CONCLUSÃO

O texto mergulha fundo na interligação entre autonomia, cultura, identidade e gestão democrática na educação, explorando as reflexões de grandes pensadores como Freire, Paro, Gadotti e Romão. Há uma análise crítica do contexto educacional brasileiro e suas conexões com a sociedade, sem deixar de lado a analogia envolvente com o filme "Vida de Inseto". Essa comparação revela um intrincado panorama sobre os desafios

enfrentados na busca pela libertação de padrões opressivos, indo além do que se vê na superfície da animação.

No enredo de "Vida de Inseto", acompanhamos o desenvolvimento da autonomia tanto individual quanto coletiva das formigas e suas colônias. Embora o discurso tenha seu lugar no processo educativo, ele não é o fator definidor desse processo. As formigas, ao longo da narrativa, vão compreendendo a realidade ao redor, inicialmente influenciadas pelas ideias de Flik, porém, ao longo desse percurso, vão adquirindo suas próprias identidades.

Essa analogia, ao direcionar caminhos como o currículo, destaca como a diversidade de pensamento e identidade é fundamental na construção de um currículo inclusivo, capaz de abranger múltiplas perspectivas e experiências. A história das formigas em "Vida de Inseto" ilustra vividamente como o processo educativo vai além das palavras proferidas, englobando a formação individual e coletiva que emerge do diálogo, da experiência e da diversidade de visões.

A crítica oferecida pelo artigo destaca a urgência de repensar a educação não apenas como um processo de ensino-aprendizagem, mas como um espaço vital para formar cidadãos críticos, autônomos e engajados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 20 nov. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Presidência da República, [1988]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 20 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (orgs.). **Autonomia da Escola: Princípios e Propostas**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1997.

MALANCHEN, Júlia. **Cultura, Conhecimento e Currículo: Contribuições da pedagogia histórico crítico.** Campinas: Autores Associados, 2022.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública.** São Paulo: Ática, 1997.

PARO, Vitor Henrique. **O Capital para educadores ou aprender e ensinar com gosto a teoria científica do valor.** São Paulo: Expressão Popular, 2022.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é Humanismo.** Paris: Éditions Nagel, 1946.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIDA de Inseto. Direção de John Lasseter e Andrew Stanton. Burbank: Walt Disney Pictures, 1998. 1 DVD (95 min.).

Recebido em: 25/12/2023

Aprovado em: 03/09/2024

Publicado em: 17/10/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.